

O Galato



PORTE
PAGO

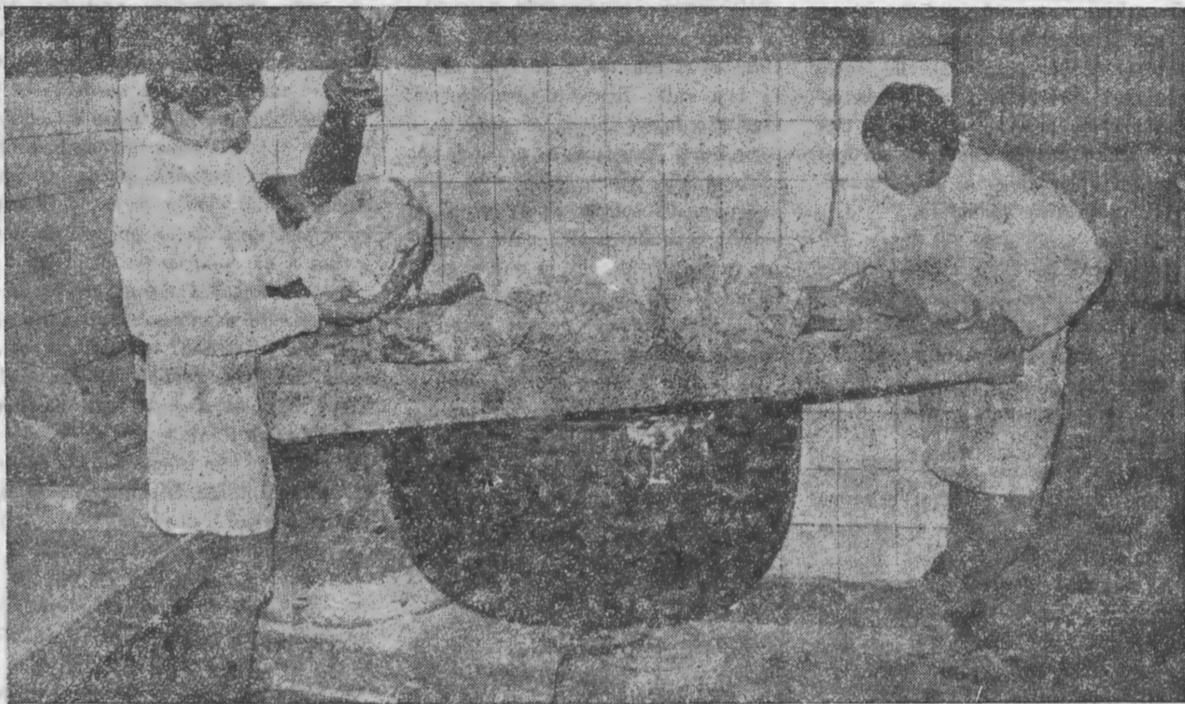
Quinzenário • 28 de Maio de 1983 • Ano XL — N.º 1023 — Preço 7\$50

Propriedade da Obra da Rua

Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundação Padre Américo

A padaria
da nossa Aldeia
de Paço de Sousa
é um lugar muito desejado.
É o pão — o pãozinho...!
Mas a chave
que o guarda,
deve andar na mão
dos padeiros — Lúcio ou
«Cinfães» — por causa
da ordem das coisas...



Partilhando

□ Elói e «Passarela» combinaram dormir fora de sua casa. O primeiro fez a experiência e, como resultou, chama o colega!

Interrogado sobre o assunto, Elói declara: — Fui dormir na palha... Palavra que faz lembrar a cama do Menino Jesus, naquela primeira noite sobre a Terra, por não haver lugar nas hospedarias.

Aqui é diferente. Palha faz lembrar a cama do rato e a comida do gado. É sinal de quem deita fora o bem que tem por «dá cá aquela palha». A vida dos homens tem muito a ver com estas «palhas»! Palhaçadas...

Naquelas duas noites de chuva e frio, os companheiros e amigos do Elói e do «Passarela» buscam ambos em todos os recantos da nossa Aldeia. Em vão! Escondidos, na noite, e a ocupar o lugar dos animais mais feios que há no mundo, não eram merecedores da procura dos seus amigos... Não tinha havido motivo de maior para tal procedimento. Não deram qualquer explicação. Mais amigos dos cantos da noite e dos animais que da sua caminho e dos seus amigos? Também não! Mazelas da rua...

Depois do castigo — e explicação que se lhes deu e doeu — Elói e «Passarela» não voltaram a dormir fora da sua bela casa. Até porque os seus amigos não têm idade nem obrigação de ser guardas-nocturnos nem de fazer horas ex-

traordinárias. Precisam de muito soninho, sossegado, pois são — como eles — pequeninos...

□ Há dias, desaparece a chave da padaria. Foi assim: «Cinfães» entrega-a ao «Quicas» para a levar ao Lúcio. O primeiro e o último são padeiros. «Quicas» — o intermediário. Em nossa Casa não deve haver esta classe! Todos estão ao serviço uns dos outros... E quem não serve a Comunidade não tem direito a ser servido — nem a servir-se dela.

A nossa padaria é um lugar muito desejado. É o pão — o pãozinho...! A chave que o guarda deve andar na mão dos padeiros e, destes, passar para a da senhora — por causa da ordem das coisas. Assim não aconteceu! Chamo os três e disse: — «Cinfães» vai ficar de guarda à padaria até aparecer a chave; o «Quicas» vai procurar a que diz ter perdido. Lá foram. Ainda não tinha arrefecido o lugar onde falamos, já a dita estava na mão deles — donde não tinha saído nem caído! «Quicas» tinha-a perdido no bolso das calças! Tentação ou distração? Não se sabe, ao certo.

Acreditamos no «Quicas». É preciso acreditar... Daí, tanta confiança neles! Por eles, a vida não pode parar. Nem os defeitos nem as fraquezas são a força maior que ela tem. Por isso, as nossas chaves perdem-se e encontram-se assim.

Eles os detectives — os detetores!

□ Outro caso: É um rapaz que já foi nosso. Deixou de o ser porque quis não ser... Aqui, criado desde pequeno, foi uma luta travar-lhe o desejo e a ânsia de se ir embora. Conseguimos (e que dificuldade!) que tirasse o curso de pintor. Arranjou trabalho numa empresa de construção civil. Ainda ligado a nós, pela nossa paciência, desligou-se aos poucos pelo seu comportamento — por não dar contas da sua vida. Estavam criadas as condições, boas e não só, para ele então se emancipar completamente — contando só consigo.

Soubemos, entretanto, que vendera a ferramenta de tra-

balho e, por isso, ia ser despedido. E foi... a pensar que o Fundo de Desemprego, o futebol... e uns biscates seriam tudo quanto bastaria para não trabalhar! Avisado que tudo isso era a maneira mais fácil de se iludir, não aceita. E vai...

Poucos dias passados e volta. Pergunta-nos o que vai comer e onde vai dormir... A resposta havia sido dada antes, muito antes daquele momento. Nunca a ouvira! Hoje, também não... E o «Riera» saiu, fechou a porta e caminhou pelo silêncio da noite adiante!

É um quadro escuro que o «Riera» quis pintar dentro de nós, pelas suas próprias mãos! Ontem, anteontem e desde há tanto tempo! Hoje, tal quadro escuro é-lhe mostrado bem de frente. Ele entendeu! O seu ofício é pintor — para ganhar o pão com honestidade e suor.

Padre Moura

DOCTRINA

● Como podes tu adormecer teus filhos à noite, em boa paz de consciência, tendo notícia de que dezenas de crianças, semelhantes às tuas, dormem sobre papéis da rua apanhados por elas mesmas nas montureiras?! Não sejas cruel...

● Como as águas vivas no fundo dos mares, também a vida se agita no mundo das almas, em constante e perpétuo movimento: fluxo e refluxo de miséria e misericórdia.

● Ao lado de fortunas que nésciamemente apodrecem no seio de mãos avarentas — miséria — há outras fortunas com livre curso no mundo do bem-fazer — misericórdia.

● Ao lado das massas gozadoras que espregam a vida regalada nos caminhos de Sodoma — miséria — correm, a par e passo, outras massas firmes no piso da Cruz, gigantes de Caridade que escolheram o lugar de Maria sem deixar a lida de Marta — misericórdia.

● A par de tálamos de malícia, onde se sustentam vícios para não sustentar filhos — miséria — há mulheres piedosas que generosamente aceitam a cruz dos filhos como bênção do Senhor — misericórdia.

● Que a censura eterna e solene do levita do Evangelho não tenha jamais lugar nem oportunidade na tua vida!

Padre Moura

O BEM e o MAL

Na doce tarefa de percorrer a colecção de O GALATO em busca de escritos de Pai Américo e tentativa de classificação deles segundo temas, encontro preciosos comentários sobre acontecimentos que os diários, ao tempo, relatavam, um dos quais «o recrudescimento de crimes de assalto e de roubo». Em três jornais próximos — os números 61, 71 e 74 — é abordado este assunto

a propósito de ocorrências consumadas.

Vão lá quase quarenta anos! Que diria, hoje, Pai Américo desses feitos, quase inocentes ao pé das grandes proezas dos nossos dias!? Eu julgo que diria tal qual: «Não sei bem porquê, eu nunca leio estas coisas como elas vêm na chamada grande imprensa; nunca. Tenho outros conhecimentos. Vou logo às fontes de onde o

mal promana e é, ali, nas fontes, que eu o vejo. E é de lá que o puxo para que os mais também vejam».

É que «os homens não nascem ladrões nem estão isentos de o virem a ser. Trata-se de uma questão espiritual, uma força de consciência, um problema de cada um.

Os nossos que vendem com

Cont. na 4.ª pag.

PELAS CASAS DO GAIATO

Paço de Sousa

FUTEBOL — A nossa equipa realizou um encontro no sábado, dia 7, frente a um bom conjunto do Porto. Um jogo muito difícil! Apesar de tudo, havia uma taça em disputa, o que levou os atletas a realizarem um bom jogo e a taça ficou em nossa Casa, com o resultado de 4-2.

Quanto ao jogo de domingo, dia 8, não se esperava tão bela partida de futebol devido às condições físicas dos atletas que, no dia anterior, tinham jogado debaixo de chuva intensa. Apesar de tudo, não constituiu problema. A equipa apareceu com mais força. Terá sido da chuva?!

No final do encontro, todos satisfeitos pela actuação e pelo resultado (6-2), reunimo-nos junto do cruzeiro, a fim de tomarmos parte na celebração da Santa Missa, em nossa Capela.

VISITANTES — Apesar do tempo chuvoso, nem por isso deixamos de ter, em nossa Aldeia, várias excursões de alunos de algumas Escolas.

As visitas, a nossa Casa, são sempre motivo de alegria para todos nós, pois sabemos que existe muita gente que sente uma grande admiração pela nossa Obra e gostam de compartilhar todo o seu amor com os que necessitam de carinho e conforto.

Toda a nossa Aldeia é objecto de admiração por parte dos visitantes, o que leva muitas pessoas a interessar-se pelo nosso método de vida e, por vezes, com breves inquéritos a alguns dos nossos rapazes, que a maior parte das vezes desabafam casos difíceis da sua vida passada com os seus familiares, na rua...

O carinho dos nossos visitantes oferece-lhes conforto e forças para encarar o dia de amanhã com a necessária alegria.

As nossas portas estão sempre abertas para quem queira conhecer um pouco da nossa vida. «Nós somos a Porta Aberta»!

ASSINANTES DE «O GAIATO» — O apelo lançado aos assinantes do nosso jornal, já se faz sentir e é uma grande ajuda. Sempre que man-

dem importâncias para assinaturas do jornal, indiquem o nome tal qual vai no endereço e o número da assinatura, a fim de procedermos ao respectivo lançamento e evitarmos certos problemas que têm surgido.

Estamos a enviar postais-aviso aos assinantes que não se encontram em dia. Alguns, pouquíssimos, refilam, porque enviam importâncias em nomes diferentes, até anonimamente, e, claro, a ficha fica em branco. Depois, explicamos... E já sabemos que, futuramente, não mais esquecerão de nos dar o nome e morada iguais aos do endereço em que recebem o jornal — e, até, o número da respectiva assinatura.

OVELHAS — Numa das minhas últimas crónicas, expressava alegria pelas nossas ovelhas e cabras aos saltos e pinchos na mata verdejante, onde se encontram. Acontece que a alegria não dura toda a vida... E foi o que aconteceu!

Um dia destes os nossos dois cães fizeram uma trágica visita: saltaram para dentro da vedação e mataram quatro ovelhas e uma cabra!

É um caso aborrecido para todos nós. Mas depois disto só existe uma coisa a ter em conta: pôr os dois cães em maior segurança para evitarmos mais desgraças.

Carlos Alberto

Notícias da Conferência de Paço de Sousa

● Traz a filha pela mão. Olhos esbugalhados, as caras revelam drama!

Esta família veio de longe. Sabemos a história..., que não revelamos — por discreção. Histórias d'ontem e d'hoje; que os homens — em suas virtudes e defeitos — são os mesmos desde que o mundo é mundo.

Face à situação geográfica, e não só..., a esta região vêm cair Pobres sem hipóteses de vida noutras bandas, qual fenómeno de migrações internas. O grande Porto estoura pelas costuras; a parte suburbana, também. Encosto viável: os dormitórios seguintes, servidos pela via férrea!

A pobre mulher suplica ajuda numa aflição:

— O meu homem não tem podido trabalhar — por causa da chuva. Eu já estou sem leite, no peito, prò menino! Estamos a passar mal...

A filha mais crescida, enquanto a mãe desabafa, não tira os olhos de nós outros, sobrancelhas carregadas, como quem diz: — Tenho fome! Dêem-me de comer...

Passamos recado ao merceiro. Socorro pronto e eficaz. Dinheiro, não... A criança muda de semblante. Movimenta os bracitos, a cara, os olhos. Já tem vida! Reacção naturalíssima. Que não fosse mais..., só por ela, e pelo bebé, fariamos o possível. As crianças são vítimas inocentes. São as que mais sofrem os *desastres* da vida..., o subdesenvolvimento em tantas partes do Mundo. O que a gente lê nos jornais, assiduamente, é d'arripiar! Exactamente porque elas, as crianças, são indefesas.

— O meu homem, agora, quando o tempo melhorar, já vai ter emprego certo.

— Será...!? Deus permita que sim. É preciso trabalhar! Sem isso — nada...

Ela entende.

Depois, falamos na moradia que habita; na sua casa. Quando lá estava o anterior locatário — que faleceu — reparámos o telhado e outras coisas mais. Agora, vamos mais longe: É o tecto, o chão da cozinha, as paredes, as janelas, as portas, os sanitários; trabalho que fica por dezenas de contos — Património dos Pobres. Não fosse esta Obra — que abriu os olhos a muita gente — não fosse o Património dos Pobres esta família estaria alojada numa borda, num barraco... Assim, não; está em sua casa!

— Agora é q'a gente está bem!...

Com o pão nas mãos — para saciar a fome dos seus — a mulher esboça, por fim, um leve sorriso de satisfação. Maternalmente, afaga em suas mãos trémulas a filha mais velha, com o pensamento no bebé: — Tenho d'ir, já, tratar do meu menino!...

● Era Viúva. Depois, casa em segundas núpcias com um indivíduo mais novo. Por carências de formação e diferença de idades..., surgem quesílias e o racionamento do indispensável em gastos domésticos!

Problema de outros lares, infelizmente... Mas quanto mais pobres — pior!

Há dias, ela adoce e não pode tratar-se convenientemente...

— Não seria melhor eu descontar prà Casa do Povo? Trabalho na laboira...

— É solução!

A mulher está feliz. Do mal, o menos...

● A convite de um filho tomávamos, casualmente, uma bica ao balcão do café. Se a bebida já é delecta..., quanto mais o amor de um filho — carne da nossa carne!

O *barman* não tinha mãos a medir; era um ver se t'avia: máquina, chávenas, copos, garrafas, trocos... e insistências do homem da bandeja em crescentes decibéis — por via do televisor e da *poluição* da clientela.

Aguardávamos a nossa vez, pacientemente. Reflectiamos no panorama. E... n' O GAIATO que há-de ser, parto difícil a trepidar no coração! Ele é pedaços d'alma, feito na rua qual Obra da Rua!

Entretanto, sem contarmos, um cliente habitual, algo boçal, puxa-nos a gola do casaco. E dispara:

— Sabem que F. está mal!?!...

— ...

— Eu dei-lhe, agora, uma ajuda... Botem-lhe, outra vez, a mão. Quando puderem...

F. é diminuído físico, pensionista da Segurança Social, e tem um ror de filhos marcados pela fraqueza que o prostrou. Ao longo dos anos, de muitas formas e feitos, e com aparente ineficácia d'acção, procurámos o seu bem e dos seus. Não temos receitas milagrosas... O recoveiro dos Pobres é discreta presença d'Igreja.

Na última Quinta-Feira Santa, F. participou nas cerimónias e ceou à nossa mesa com outros Pobres. Ele, que fora um qualificado artista da construção civil, está irreconhecível!

É sempre tempo de se procurar levantar os Prostrados! Assim mesmo..., com a preocupação daquela *sineta* que badalou no café, revelando, à sua moda, com simplicidade, o Mandamento do Amor — no meio da faturinha, da lassidão!

PARTILHA — Aquela senhora, que foi da *sociedade* e hoje vive precariamente, tocou a alma de alguns leitores: Leiria 1.000\$00; Nazaré, metade; «Lecista da Figueira», idem; Cascais, idem; e cheque de «Avó de Sintra», 1.500\$00. O vicentino vai lá, assiduamente, aliviar a cruz, mu-

nido do que vem. E ela dá graças a Deus. Reza por todos nós! É mulher de fé viva e consciente.

Mais 500\$00 «para ajudar uma Viúva — a mais pobre». Cumprimos.

Senhora, muito amiga, d'Aveiro — que aparece muitas vezes nesta coluna — agora vem até nós e, discretamente, pousa em nossas mãos uma nota de cinco contos com o pensamento nos filhos. É Mãe!

P. M. — de Coimbra, *universidade* de Pai Américo! — manda 500\$00 e espera «que esta insignificância ainda possa dar uma ajuda, embora pequena, a quem precisar». É sempre tempo de fazer o bem, bem feito!

Mais 200\$00, da assinante 24025, «para uma Viúva». É tão bom firmar a problemática da Viuvez na alma das gentes! E ir por aí fora, até os responsáveis abrirem os olhos — em defesa das Viúvas, sim, e da Família, também...

Assinante 12815, de Pedroso (Carvalhos), 1.000\$00 «para os mais necessitados» e uma intenção: «Que Deus ajude a minha filha a realizar o sonho dela — construir uma casinha». Que linda comunhão!

Mais 10 rands de Durban (África do Sul), «migalhinha para ajuda de quem tanto precisa». A Caridade não tem fronteiras, é universal!

Mougueira (Sertã), 300\$00 e um voto: «Continuem a fazer o que Pai Américo vos indicou — o bem aos mais pobres». Estimulo proveitoso!

Covilhã, cheque de 6.500\$00 e uma carta cheia de muita amizade: «Há muito tempo que não dou sinal de vida, o que não quer dizer que tenha O GAIATO longe do pensamento. É o único jornal que leio sempre completamente...»

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes

MANIFESTAÇÃO DO GOVERNO

FESTAS — Continuamos a apresentação das nossas Festas em muitas localidades. Desta vez na Beira Baixa, onde somos bem recebidos — como noutros sítios. Passámos lá três dias levando a mensagem de amor, de alegria e de paz.

Na Covilhã fizemos duas Festas: Uma à tarde, outra à noite. Só o ano passado começámos a realizar duas, devido ao incessante apelo das pessoas da Covilhã. Fizemos a vontade; até porque os numerosos Amigos já não cabiam todos na sala numa só sessão.

Na Festa da tarde alterámos um pouco o programa porque a maioria dos espectadores eram crianças e não entenderiam a parte séria do mesmo. Já muito antes da hora marcada esperavam por nós, fazendo muito baniuho na sala, mas que se compreende, devido à idade. Eles gostaram da Festa, e nós do seu interesse.

À noite, a maioria dos espectadores foi gente crescida, que melhor entenderam a mensagem.

Nós já estamos habituados a salas cheias; e, dias antes, um nosso Amigo desta cidade, que muito nos tem aju-



«Samba» e «Ringo»

— dois cães de raça —

deixaram a clausura

pela mão do «Janota»

e, na mata, caçaram

quatro ovelhas e uma

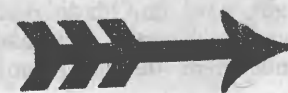
cabra — grandes amores

do «Lourinho»!

Um toque de finados

em nossa Aldeia

de Paço de Sousa!



Novos Assinantes de «O GAIATO»

Quando nos debruçamos na procissão de novos leitores, ficamos sempre d'alma cheia, a transbordar!

É O GAIATO, pequenino desordeiro que faz sangue nos corações, sem magoar, e leva muitas almas para mais além..., até ao desconhecido submundo da Miséria; qual Lume Novo que ateia novos pavios e/ou desperta para a Vida que se renova por todo o sempre — sem nunca se repetir!

Aí vai uma pequena amostra do sentimento de alguns caminhantes da procissão, que servem de tónico a outros, lançados na motivação de novos Amigos para O GAIATO, seja em reuniões familiares ou no café, no cinema ou na rua, no comboio ou no autocarro...

Aljustrel:

«Arde-me o grande desejo de vos visitar, mas não sei quando será possível. Gostaria imenso de levar um grupo desta terra, distante da crença religiosa, a visitar a Casa do Gaiato.

E como, por agora, não me é possível, mando o nome de dois assinantes...

Recebi quatro livros que pedi. Envio a importância dos mesmos e da minha assinatura de 1983.

Eu não sei quantas vezes tenho tido a colecção completa dos livros da vossa Editorial! Mas, de quando em vez, ofereço um e desmancho a dita; logo tenho de a formar novamente...! É uma maneira de fa-

zer conhecer a Obra da Rua — que tanto aprecio...»

Freiria:

«Aqueles que conhecem a Obra da Rua — as Casas do Gaiato — quer pelos livros da vossa Editorial, quer pelo pequeno-grande jornal O GAIATO, vai Deus mostrando o jeito de viver o Evangelho...»

Peço que considerem assinantes do jornal os seguintes interessados...

É muito agradável ler O GAIATO, a Palavra de Deus posta em prática...»

Sabrosa:

«(...) Façam pequena referência aos novos assinantes de Sabrosa! Talvez os incentivem na procura ou busca de outros assinantes de O GAIATO...»

Que bem!

Estamos enviando, desde há vários meses, postais-aviso a Amigos que, aparentemente, esqueceram o compromisso da assinatura de O GAIATO. Depois, muitos deles correspondem para lá da expectativa: chegam acompanhados de novos leitores de O GAIATO!

Faro:

«Peço desculpa de não ter já enviado o contributo para o jornal. Estive um mês doente e o tempo corre veloz!

Envio esta quantia e o restante para o que quiserem. É uma migalhinha pequena!

Façam o favor de enviar O GAIATO a duas senhoras a quem falei do vosso jornal, e que desejam assiná-lo com tanto amor e carinho!...»

Torres Novas:

«Vale mais tarde do que nunca! Por isso, com as minhas desculpas, segue a importância para a minha assinatura; e, ainda, um vale de correio para uma nova assinatura em nome de...»

E quantos surgem pelo seu pé?!

Ermesinde:

«Li O GAIATO — pela primeira vez — e fiquei tão satisfeita que desejo ser assinante do vosso jornal...»

De Coimbra — tarimba de Pai Américo:

«É com muito prazer que desejo me acellem como assinante do antigo, mas sempre novo, jornal O GAIATO...»

Todos devíamos combater contra a adversidade dos jovens marginalizados — como fez o querido Pai Américo; contra o egoísmo das mentes empedernidas; contra os que se agarram demasiadamente aos bens terrenos, esquecendo os que têm fome e sede de Justiça. Luta sem tréguas! Pedimos a Deus nós dê Força para combater e que o espírito do bom Pai Américo veja sempre aumentado o seu exército libertador do mal, tendo por armas a Obra da Rua.

Por vezes, esquecemos fazer um balanço à nossa consciência — uma reflexão profunda — para se combater o mal da sociedade em que estamos inseridos; tentando, assim, melhorar a semente da juven-

tude, quais homens de amanhã...

Pai Américo estará sempre vivo e estimulará os obreiros das Casas do Galato, aquecendo, ainda, o número, cada vez maior, de assinantes de O GAIATO, do qual, já disse, quero ser assinante...»

Cartas faiscentes!

Eis a síntese da procissão: Novos leitores de Moncorvo, Chamusca, Ermida (Sertã), S. Mamede de Infesta, Macieira (Lousada), Parede, Praia das Maças, Vendas Novas (um rol deles, pela mão do Padre José Maria), Almada, Brejos do Assa (Setúbal), Loures, Colmeal (Góis), Barcouço (Mealhada), Castelo de Viegas (Coimbra), Paço de Arcos, Feijó (Almada),

Faro, Matosinhos, Póvoa de Varzim, Perosinho (Carvalhos), Sesimbra, Queluz, Ermesinde, Vila Nova de Gaia, Oeiras, Amadora, Montargil, Barreiro, Sacavém, Romariz (S. João da Madeira), S. Roque do Pico (Açores), Vila Meã (Penafiel) S. Pedro da Cova, Paúl, S. Julião do Freixo, Setúbal (um rol deles!), Laranjeiro, Aradas (Aveiro), Rio Maior, Águeda, Bodiosa (Viseu), Nogueira (Lousada), Vila Noya de Famalicão, S. Pedro do Estoril, Odivelas, Barcelos, Vila Franca da Serra (Gouveia); Porto, Lisboa e Coimbra uma grande coluna! Mais Sangri-la — Bordeaux (França) e Gronau/Epe (Alemanha Federal).

Júlio Mendes

Autoconstrução

Um mero acaso permitiu-nos dialogar sobre Autoconstrução. E supomos ter abordado o desconhecido, o incómodo — como aconteceu àquela Amiga ribatejana... — apesar de o problema habitacional ser um dos mais graves da Nação.

Topamos, agora, porém, um técnico da função pública (recoveiro dos Pobres e devotado ao sector primário) que não se coíbe d'alertar as fontes de decisão para a problemática da Autoconstrução:

«(...) A origem e qualifica-

ção da população (duma região nortenha) também permitiu que ela fosse resolvendo, com o apoio da entajada familiar e rural, a questão da habitação, construindo, pelas suas próprias mãos, moradia própria em parcela herdada do património agrícola familiar ou adquirida a patrimónios fundiários em vias de parcelização, mantendo em redor da casa um «quintal» com agricultura a tempo parcial.

Mostramos este crescimento habitacional (vasta gama de indicadores) verificado na área na última década. As fracas taxas de cobertura dos equipamentos colectivos ligados à habitação (água e esgotos) revelam a forma individual... como o problema tem vindo a ser resolvido até agora...

Põe-se então a questão de saber se as gerações jovens também irão dispor de condições para resolverem — como os seus predecessores — o seu problema de emprego e habitação...»

Neste profundo trabalho — cingido às realidades sócio-económicas — a questão ou questões dão pano para mangas! Pena temos não irmos mais além — por mor do espaço!

Outros casos:

■ Um Autoconstrutor identificado como tal, precisa d'ampliar a sua moradia, ligeiramente. Procura saber das voltas que a lei exige. Eis a procissão: Parte escrita — requerimento, termo de responsabilidade autenticado por um engenheiro, estimativa orçamental, memória descritiva — tudo em papel selado; parte desenhada: projecto do existente, da parte nova, plantas topográficas 1/25000 e 1/1000!

Quanto pesa tudo isto (que se poderia resumir ao fundamental), em horas úteis, na bolsa do Autoconstrutor!? Um problema de reforma administrativa.

■ A pobre mulher, com um filho ao colo, chama por nós:

dado, veio dizer-nos que a sala estava esgotada para a noite.

Ficámos contentes, também pela dedicação deste Amigo para conosco.

Hospedámo-nos no Centro Cultural da Covilhã e tomámos lá as nossas refeições. As irmãs receberam-nos bem, como sempre. Bem hajam!

No Fundão foi sábado, à tarde. A sala estava quase cheia, um pouco mais que no ano passado; e mais alegre e receptiva.

A Festa decorreu com normalidade, e o público recebeu-nos bem, com muitos aplausos, alegria e boa disposição. A Festa acabou com o banquete habitual.

Castelo Branco foi a última cidade da Beira que nos recebeu. Realizámos a Festa no domingo, à tarde.

O público que encheu o Cine-Teatro, não foi menos amistoso que outros locais. Souberam, como os outros, participar da Festa e alegrá-la com o seu entusiasmo. No fim, choveram muitos rebugados, amêndoas e outras guloseimas, como prova da simpatia que têm por nós.

Uma senhora ofereceu-nos um cãozito muito útil, pois ultimamente a nossa Casa estava sem cão. O animal recebeu de nós muitos mimos e carinhos, e começámos logo a pensar que nome lhe havíamos de dar; mas isso ainda não está esclarecido.

A despedida, destas terras da Beira, foi um jantar no Círculo Preparatório de Castelo Branco, como já é tradição.

Chiquito Zé

Lar Operário em Lamego

Os diversos casos de rapazes que vão aparecendo, levam-nos a reflectir muito a sério sobre a Família.

Quase se pode afirmar que 99% dos que vivem conosco, não precisariam da nossa mão se tivessem encontrado uma família bem constituída. Há vários anos que a «história» daqueles que nos procuram, raramente falam de pão que lhes falta, ou de vestuário. Não é a parte económica que os empurra para nós. É verdade que este factor, depois, se pode tornar uma consequência... As lágrimas, à mistura com palavras e argumentos para o menino ficar, partem sempre dos pais que se não entendem... Do pai que não vê este filho com bons olhos... «Se este rapaz não desaparecer daqui, eu saio de casa...» «Olhe que foge à Escola porque os pais já nada fazem dele...» «Os irmãos não se entendem, a mãe fugiu... o pai não sabemos dele...» «Estes e outros argumentos parecidos são a carta de «recomendação». Na verdade, os valores familiares são sagrados e alfobre duma sociedade melhor. A falta de interesse pela Família só pode partir de quem não tem família, ou não tem valores.

O amor sofreu desvalorização e já não é amarra a pren-

der corações, nem força para os momentos difíceis, nem moeda corrente entre esposos, pais e irmãos, nem carinho a substituir falhas que possam existir!

Um dos três que ficou sem mãe — porque o pai que a matou teve de recolher à cadeia — quando se aproxima de nós, antes de pedir pão ou mostrar as botas que já deixam ver os dedos, pede-nos beijos. Afasta-se, sem naquele momento levar pão ou calçado, mas vai contente porque ficou a saber que o amamos de todo o coração. Tem acontecido chorarmos ambos nestas ocasiões saborosas do nosso dia-a-dia. Nesta altura, porém, as lágrimas são pão e sol a aquecer vidas geladas que surgiram numa família morta. A São, outra dos três, agarra-se a cada momento ao pescoço da encarregada e mete-lhe na boca rebugados e outros mimos. Ao dizer que sim, na hora de virem os três irmãos, tivemos o receio que existe quando chega um, de novo. Tudo desapareceu nos primeiros contactos. Traziam muita fome que não era de alimentos. Antes de lhes ser posta a mesa, eles olhavam desconfiados e tímidos para todos os lados; mas viram sorrisos, bondade, atenções, carinho e também começaram a sorrir.

Estavam em família; e encontraram o que lhes faltava.

Quem teve a felicidade de nascer numa família, mesmo que não fosse rica de palácios ou de bens espalhados ao luar, mas fosse trabalhadora e sã, encontra um prazer indiscutível ao olhar o passado e ao recordar a lareira quente que o agasalhou. Há dias, bem longe da Pátria, um senhor com quatro filhos e alguns netos, no dia do baptizado do neto Filipe chorou e fez chorar de alegria os convidados, ao falar com saudade e carinho dos pais que lhe transmitiram a vida. Disse das virtudes dos familiares e prestou publicamente contas do seu viver em família, do seu trabalho honesto e do conforto actual. Ao findar o brinde agarrou no braço da esposa e ambos deram graças a Deus pela família donde vieram e pelas famílias que à sua sombra se estavam a constituir.

A Família, na verdade, pode ter defeitos, mas é ainda no aconchego do lar que se encontra um dos poucos abrigos seguros. As feridas íntimas recebem bálsamo salutar no ambiente acolhedor de pais e irmãos. Fica bem recompensado o esforço gasto na formação de boas famílias.

Padre Duarte

Cont. na 4.ª pag.

FESTAS

NO CENTRO DO PAÍS

Aí vai um pouco do meu vazio... literário. O Chiquito Zé também manda. Agora, nós, é só Festas. Que bom a vida ser... e se fosse... Festa!

Continuamos embandeirados. Em todas as terras somos tão bem acolhidos que, terminadas as Festas, ficamos mortos de saudades!

Na Beira Baixa fica-nos sempre mais o coração. Estão mais longe, embora todas as quinzenas os vendedores de O GAIATO levem, até lá, a nossa mensagem de presença. Dá-nos a sensação de que há imensa fome para que as nossas Festas sejam: O encanto estampado no rosto das pessoas e, à despedida, sempre o amoroso «até prò ano».

Vamos continuar a romaria com todos os que ainda nos esperam:

29 de Maio, às 15,30
Teatro Alves Coelho — ARGANIL

3 de Junho, às 21,30
Cine Império — LOUSÃ

10 de Junho, às 21,30
Cinema Messias — MEALHADA

11 de Junho, às 21,30
Teatro de Anadia — ANADIA

Padre Horácio

NOTAS DA QUINZENA

Um cristão deve pôr, em todos os instantes, a Luz do Evangelho em sua vida. Não há factos banais. Em tudo, o ver e o agir terá de ser conforme a essa Luz.

A nossa vida não é irreal ou fantástica. É o pão que comemos; o nosso emprego; o auto-carro que tomamos, e nós de pé com a mão na argola; a bica ao lado do amigo; o ordenado magricela a aguentar mal a caminhada mensal; a opção política; o nosso clube e a igreja onde rezamos — se somos cristãos.

Hoje, Cristo falar-nos-ia de aviões, de fábricas, de desporto, de droga; e, com muita mágoa, do nosso cristianismo só de baptismo e casamento.

Também em parábolas: O Reino de Deus é semelhante a dois homens que moram no mesmo bairro. Um, cristão; outro, ateu. Chegou a esse bairro uma família retornada — sem casa e sem haveres. Cada um tinha uma casa vaga. Mas foi o «sem fé» (conheço-o) que agiu à Luz do Evangelho, acolhendo e dando ajuda àquela família.

Qual destes dois nos mostrou a verdadeira face do Reino de Deus?

Chegou carta do João, um seminarista de Angola que foi trabalhador do campo na nossa Casa do Gaiato de Malanje. Um cristão, de Espinho, paga-lhe os estudos. Ele tem

vontade de ser, um dia, sacerdote da Obra da Rua. Assim seja.

Sopra um vento novo de esperança nas vocações que estão surgindo em terras africanas. O rescaldo da revolução levou os cristãos a uma maior vivência da sua fé.

Algumas Congregações acordaram e desceram aos bairros. Aí, em pequenas casas alugadas, acolhem e ajudam o povo, despertando muitas vocações.

Ainda bem que os grandes Colégios e Missões deixaram de ser peso. Vemos agora, claramente, que a fé e a vida cristã não se medem pelos grandes edifícios e aulinhas pagas.

A tentação do dinheiro, da instalação e da segurança foi sempre (e é) a grande trave que impede tantos de entrarem pela porta da doação generosa.

Há generosidade no Mundo. Tanta, na juventude!

Mostremos sem medo e com actos a beleza e grandeza dessa entrega total ao serviço de Deus e dos Irmãos.

Cristo nada prometeu aos Apóstolos... «Deixai tudo e vinde.» E eles deixaram o barco, mulher e filhos — e foram. Nem Roma — nem Templo...

As doenças de nossos pais e senhoras acordaram-nos um pouco mais para o problema das vocações na nossa Obra.

Continuamos agora, com mais

O BEM E O MAL

Cont. da 1.ª pág.

tanta graça este engraçado jornal, andam justamente a resolver o seu problema pelos acréscimos que lhes dão. Alguns sucumbem. Tornam a sucumbir. Prometem. Choram. Tornam a faltar. Um deles escreveu-me e disse: «É mais fácil à gente fazer o mal do que o bem.»

Não nasceram ladrões. Não estão isentos de o virem a ser. Mas talvez o não sejam por se lhes ter acudido a tempo. Se não for nesta hora que se vá em socorro desta gente, haverá a necessidade de «um mais largo policiamento» (como era requerido na Imprensa daquele dia) — só que os homens então perdidos aprenderão novas artes de defesa e roubarão

Reflectindo

A história de cada rapaz, dentro da nossa Casa, começa no dia da chegada — marcada pelas razões que os trouxeram até aqui. As diferentes razões motivam diferentes reacções. Desde a alegria de encontrar uma família — devido a maus tratos anteriores, à dificuldade de aceitar uma vida disciplinada, se a sedução da rua deixou marcas profundas — até às lágrimas sentidas, se as saudades do que fica para trás, por morte ou doença dos pais, faz doer e não torna fácil a aceitação da nova família. De qualquer forma a chegada marca o início de uma nova fase da vida, que se irá traduzir, a partir de então, na adaptação a esta forma de viver.

Será aqui que se irá processar o crescimento com todas as dores e alegrias que lhe são próprias. Será aqui que irão tomando, a pouco e pouco, consciência da sua própria situação existencial.

Toda a pedagogia de Pai Américo é em si mesma uma proposta a cada rapaz: A colaboração na vida da Comunidade, como único preço, para sentir sua a Casa onde vive; uma colaboração, consciente e construtiva, permitirá, a cada rapaz, o sentir efectivamente sua esta família.

Como em todos os empreendimentos humanos, os resultados nunca são a cem por cento. Nalguns casos a adaptação nunca acontece e a proposta de integração não é aceite. São espinhos do nosso viver. Assim como aqueles que compreendendo os valores de que são rodeados, são para nós bálsamo tão necessário nesta caminhada.

Padre Abel

insistência, a bater à porta do Senhor..., até que Ele venha com o pão para a visita que nos chegou... Também à tua — para que nos acolhas no silêncio do teu coração e desertes.

«Eles deixaram tudo e foram com Ele!»

Padre Telmo

com mais arte. Tenho dito.» Quarenta anos volvidos, é clara a ténpera profética deste aviso. Quanto não avançaram, entretanto, as «artes» nesta matéria...! E não foi, nem nunca será, «um mais largo policiamento da cidade» o remédio de tais malas-artes. Panaceia, talvez; remédio, não.

Porém, em Pai Américo, escritos como este, não revelam apenas o carácter profético que o tempo vai confirmando, mas, sobretudo, uma filosofia cristã sobre o Homem: «Ninguém nasce ladrão nem está isento de o ser». «Ninguém é totalmente mau». «Os homens de bem que vêem e se espantam com o mal de que jamais deram fé — quem sabe até, se não concorreram para ele?»

Para que falar, pois, de predestinação para o mal?! Como se atreve alguém a julgar sumariamente um homem totalmente mau se só Deus lê no coração de cada um?! Como?... se toda a maldade tem uma componente social em que até os bons estão representados?! Quê...?, os bons...?! Sim, também os bons..., senão por actos, por omissões!

Por isso é mais sábio «prevenir, que remediar! «É muito mais económico prevenir crimes do que suportar criminosos. Mais airoso salvar do que castigar». «Metralhadoras à popa e à proa metem medo, sim; mas não afastam o mal. Que fazer? Não haverá remédio...? Há, sim, senhor. Menos metralha e mais amor!»

Nem esta visão de Pai Américo é válida apenas para o

mundo do crime! Em todo o leque da vida é uma constante tentação para os homens procurar fora de si as causas das crises que, individual ou colectivamente, os afligem. Desde o princípio da Humanidade assim é: — «Não fui eu; foi a mulher!» — «Não fui eu; foi a cobra!» A classe dos políticos, então, é useira mestra desta estratégia! A origem dos problemas está sempre nos outros, nas conjunturas, nas pressões do exterior... Não é verdade! Tanto para a pessoa como para as sociedades, até ao mais universal dos níveis, toda a crise começa numa depressão — vazios que se formam dentro dos indivíduos ou das sociedades aonde aflui tudo o que não presta... e se multiplica com a espontânea virulência com que rebentam nos campos, nas melhores terras, as ervas ruins.

Na raiz de todo o mal está a omissão do bem. Todo o pecado o é enquanto negação do Amor, de tudo (ou algo) que é da espécie do amor que d'Ele flui, o Supremo Bem. Por isso S. Agostinho viu e comunicou: «Ama e faz o que quiseres».

Eis a Liberdade autêntica, a que Deus nos transmitiu do que Ele é: Amor. Ela é o instrumento que educa e o termo da verdadeira educação.

Não se deturpe. Não se perturbe a ordem ontológica deste dinamismo divino: Primeiro, ama; depois, serás livre, serás Homem, serás imagem viva de Deus e fonte de muitos bens.

Padre Carlos

Autoconstrução

Cont. da 3.ª pág.

— Venha ver a minha casa... Acedemos, religiosamente.

— V. ajudaram no que puderam... Mas custa muito, muito! Edifício bem dimensionado, bem estruturado.

— Hoje isto custa uma fortuna! Tudo quanto a gente amealha não chega p'ra nada! É um sorvedoiro...!

— Os materiais são caros...

— O meu home já fez contatos. Só prà telha são quarenta contos!

Enquanto desabafa, os olhos dela parecem o rio Sousa!

— Se não fosse a minha família... e os amigos do meu home... não chegaríamos até aqui!

Para esta mulher do povo — cujo marido dá a sua força de trabalho no grande Porto — a visita casual foi estímulo à prossecução da obra — de interesse familiar e nacional. Não tardam a largar o pardee-

ro. E a dar graças a Deus. São homens de fé!

Por detrás desta, levanta-se outra moradia nos termos regulamentares. (Duma maneira geral, o clandestino só acontece quando a letra da lei se sobrepõe ao espírito que a enforma.)

Era sábado. Um grupo de gente amiga do Autoconstrutor procede à betonagem da última laje do edifício. Todos eles trabalham, no duro, mais de 40 horas semanais — além das cansativas viagens diárias em transportes públicos... E, aqui, dão tudo por tudo em benefício do companheiro que precisa, aliviando uma calamidade que aflige milhares e milhares de portugueses!

Quando se dará fé da atenção que merecem os cidadãos envolvidos em acções d'Autoconstrução?

Júlio Mendes



Direcção: Padre Telmo
Redacção e Administração: Casa do Gaiato - 4560 PAÇO DE SOUSA - Telef. 952285
Composto e impresso nas Escolas Gráficas da Casa do Gaiato - Paço de Sousa